

## Apenas o deus grego do mar? A iconografia de Poseidon em moedas gregas das épocas arcaica e clássica (Parte I)

\*Vinícius Bonifácio Guimarães

\*\*Lilian de Angelo Laky

GUIMARÃES, V.; LAKY, L.A. Apenas o deus grego do mar? A iconografia de Poseidon em moedas gregas das épocas arcaica e clássica (Parte I). R. *Museu Arq. Etn.* 45: 174-196, 2025.

**Resumo:** Apresentamos neste artigo um quadro geral do desenvolvimento da representação de Poseidon em moedas emitidas por cidades gregas em épocas arcaica e clássica, com o objetivo de compreender em que medida sua representação na documentação monetária foi inovadora em relação àquela nas cerâmicas pintadas e esculturas. Para tal fim, identificamos quais cidades e regiões gregas mais produziram imagens de Poseidon em moedas nestas épocas, como também quais foram as épocas específicas de maior uso. Também estabelecemos padrões gerais de representação dessas imagens na arte grega arcaica e clássica para compreendermos o seu significado simbólico e sua especificidade em moedas a partir de um estudo comparativo, correlacionando a documentação arqueológica com passagens literárias. Por ser baseada em um levantamento documental extenso e inédito sobre esse deus e o seu principal atributo, o tridente, esta pesquisa traz as principais conclusões a respeito da imagética de Poseidon, a qual, surpreendentemente, não foi estudada de forma sistemática até hoje, tornando essa divindade e seu principal atributo, apesar de amplamente conhecidos no ocidente moderno, muito mal compreendidos. Além disso, é nosso objetivo destacar o potencial da moeda como objeto de análise tanto para pesquisas em arqueologia quanto em história.

**Palavras-chave:** Poseidon; Tridente; Iconografia Monetária Grega; Apotropismo; Identidade.

### Introdução

Neste artigo, serão apresentados os

\*Mestrando, Universidade de São Paulo (USP).  
vinigbonifacio@gmail.com

\*\* Doutora e mestre em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (USP), pós-doutora em História Social pelo Departamento de História da USP. Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (LABECA/MAE-USP). <lilian.laky@usp.br>

resultados da primeira etapa da pesquisa "Apenas deus grego? Religião e política nas representações de Poseidon e do tridente em moedas gregas de época arcaica e clássica", que teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP processo 2020/12000-9). O principal objetivo foi compreender o que levou diversas cidades gregas a representarem em moedas Poseidon e o seu principal atributo, o tridente, do ponto de vista do papel político e identitário do culto dessa divindade. Desse modo, destacamos

como as múltiplas esferas de ação de Poseidon ultrapassam e contradizem sua tradicional definição como deus marinho e decaído, que se consolidou no imaginário moderno devido aos poucos estudos realizados sobre esse deus.

Nesta primeira etapa, estudamos o desenvolvimento da iconografia de Poseidon e do tridente na arte grega, a fim de compreender em que medida as representações do deus e desse atributo em moedas foram inovadoras, ou não, em relação às demais artes visuais. Para tanto, identificamos, durante as épocas arcaica e clássica, quais regiões e cidades gregas mais representaram Poseidon e o tridente em moedas, como também quais foram os padrões gerais de representação existentes na arte da época e seus anos de maior uso, com o objetivo de levantar, na segunda etapa de pesquisa, estudos de caso que melhor explicassem as motivações políticas e identitárias da fabricação e do uso dessas imagens, a partir de sua correlação com passagens textuais. Assim, neste artigo, será dado maior foco à análise das representações de Poseidon, enquanto a análise centrada no tridente será realizada em um segundo artigo.

Poseidon foi muito mais estudado pelo viés dos cultos, de seus santuários e representações vasculares e escultóricas, não havendo um estudo sistemático e profundo a respeito das moedas, cuja rica documentação foi pouco explorada.

Já na segunda metade do século XIX, foram feitos os primeiros levantamentos parciais de fontes literárias e arqueológicas sobre Poseidon e o tridente, incluindo moedas, a fim de descrever a evolução de sua representação (Durrbach 1873; Walters 1892-1893). Todavia, apenas em 1994 houve um novo levantamento documental sobre essa divindade, publicado no sétimo volume do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), por Erika Simon, ainda que as moedas não ocupassem nele um lugar central. Estudos de síntese específicos sobre a iconografia de Poseidon foram realizados por M<sup>a</sup> Rodríguez López, desde a época arcaica até a época romana da história grega antiga, tanto por meio de um panorama geral da documentação arqueológica, em associação com textos literários, como também

especificamente sobre a iconografia monetária (López 2009, 2019). Suas publicações, entretanto, oferecem um levantamento incompleto, sem uma análise aprofundada sobre essa iconografia, especialmente no caso das moedas.

Por último, destacamos a monografia de Palmieri acerca da iconografia de Poseidon nos *pínakes* ou placas de terracota votivos do santuário coríntio de Penteskouphia, que evidenciam as mais antigas representações conhecidas do deus, pertencentes aos séculos VII e VI a.C. (Palmieri 2016). No referido trabalho, a autora realiza uma extensa catalogação e descrição dessas imagens, bem como sugere uma participação relevante e aparentemente incomum dos artesãos que fabricavam esse objeto no culto a Poseidon (Palmieri 2016). Por outro lado, a representação de Poseidon nos *pínakes* coríntios ainda não foi comparada sistematicamente com a representação do deus em moedas com o objetivo de estabelecer alguma relação entre elas.

Os demais estudos sobre Poseidon foram realizados por meio de um viés literário, especialmente por Jean-Pierre Vernant (2018) e Charles Doyen (2011), que o concebem como uma divindade primitiva, em contradição com os valores cívicos e cidadãos gregos da época clássica. Ainda que essa visão tradicional tenha sido criticada por Polignac (2017), por ser baseada em uma falsa dicotomia entre divindades olímpicas e ctônicas, ela continua consolidada no imaginário moderno e nos estudos acadêmicos. Novos estudos surgiram sobre especificidades locais de culto a Poseidon em santuários, destacando sua relação com a construção cultural de paisagens e com a formação de identidades étnicas, sem, todavia, considerar a documentação iconográfica, especialmente de moedas (Larson 2009; Mylonopoulos 2003; Polignac 2017).

Assim, por se tratar de um levantamento documental extenso e inédito, com destaque às evidências monetárias, esta publicação visa tanto auxiliar outros pesquisadores em estudos

sobre essa divindade e seu principal atributo a partir de sua iconografia, como também trazer ao público uma visão mais aprofundada sobre esses elementos, por meio de um viés menos dependente dos textos literários. Dessa forma, não apenas demonstramos o enorme potencial da moeda e de sua imagem para a produção de conhecimento, mas também a relação complexa entre diferentes tipos de documentação arqueológica e histórica.

## Material

Para a realização desta pesquisa, levantamos todos os tipos monetários possíveis das épocas arcaica e clássica com representações antropomórficas<sup>1</sup> de Poseidon, com ou sem o tridente, em um catálogo monetário único. Os tipos monetários com representações do tridente sem a imagem antropomórfica do deus resultaram em um segundo catálogo, que inclui possíveis representações teriomórficas do deus na forma de um touro ou de um cavalo. Esse critério justifica-se não só por constituir padrões de representação diferentes, mas também porque o tridente pode ou não fazer referência a um culto ou, em alguns casos, sequer ao próprio deus. Também realizamos um levantamento sistemático das representações de Poseidon e do tridente nas cerâmicas pintadas das épocas arcaica e clássica (*pinakes* ou placas pintadas de terracota, vasos áticos de figuras negras, vasos áticos e faléricos de figuras vermelhas), organizando essa documentação em um catálogo único<sup>2</sup>. Ainda que

1 Nesse contexto, representações corporais do deus em sua forma humana, em contraposição às suas representações teriomórficas, em sua forma animal, podendo também haver representações híbridas, que combinam elementos humanos e animais.

2 Por uma questão de escolha, ao contrário das imagens monetárias, não coletamos as imagens de Poseidon sem o tridente para as *comparanda*, porque nos propomos a estudar Poseidon e o tridente como seu atributo. Também enfatizamos que, por serem classificados apenas como *comparanda*, cerâmicas que constituem suportes distintos, como *pinakes* e vasos, ou, no caso de esculturas, como estátuas e relevos, foram agrupadas em um único tipo.

pouquíssimas esculturas de Poseidon tenham sobrevivido, sejam como originais ou como cópias posteriores, foi possível realizar uma comparação auxiliada pela descrição textual de esculturas feita por autores antigos.

## Métodos

Para a construção dos nossos catálogos numismáticos e dos *comparanda*, as evidências materiais levantadas foram organizadas de acordo com os seguintes critérios: (1) tipo de suporte material, (2) descrição dos padrões de representação, (3) cronologia e (4) proveniência.

Os critérios de catalogação foram os mesmos para todos os tipos de suporte material, a fim de possibilitar um estudo comparativo por meio do qual identificamos as especificidades das imagens monetárias em relação às imagens das cerâmicas pintadas e esculturas (*comparanda*). Definimos o suporte mais do que como um simples material de aplicação da imagem, mas, sim, como um meio central que determina sua forma e seu significado desde sua produção, na qual se exigem soluções técnicas específicas, até o consumo, no qual se conectam o autor e o receptor da mensagem (Francisco; Sarian; Cerqueira, 2020: 145-147).

Organizamos toda essa documentação em séries cronológicas, com objetivo de observar mudanças na representação de Poseidon e do tridente em moedas e identificar inovações em relação à sua representação em cerâmicas e esculturas. A proveniência das moedas, combinada com a seriação cronológica, possibilitou identificar quais cidades e suas respectivas regiões foram responsáveis por essas inovações, como também contextualizar a produção e o uso dessas imagens.

Além da classificação, a fim de possibilitar este estudo comparativo, também foi necessário padronizar a descrição das imagens, concebendo-as como composições formadas por elementos figurativos classificados como “unidades formais mínimas”, os quais podem ser combinados de infinitas formas pelo artista com o objetivo de produzir um significado específico, a partir

de um determinado repertório cultural compartilhado (Bérard & Durand 1984: 23).

Dessa forma, a descrição das imagens foi realizada a partir de padrões gerais de representação, cuja variedade, no nível descritivo, foi estabelecida por uma mudança nas “unidades formais mínimas” que compõem a imagem do anverso e/ou do reverso de um tipo monetário específico, como atributos, inscrições, a posição, direção e/ou orientação das unidades que compõem a imagem, ou ainda por uma alteração de cunho, o que pode determinar a posição e/ou os gestos corporais mais detalhados. É essa variedade que pode evidenciar inovações artísticas, quando a mudança for inédita, bem como a criação de padrões de representação sem paralelos em outros tipos de suporte.

Além de termos construído um histórico das representações de Poseidon em moedas gregas e na arte grega em geral, discutimos, em seguida, no tópico 7, o significado de cada padrão de representação monetária do deus entre os séculos VI e IV a.C., a partir do estabelecimento de seu contexto simbólico. Para isso, foi realizado um levantamento extensivo de referências a Poseidon nas fontes literárias gregas antigas (na poesia arcaica, no teatro ateniense clássico e na historiografia), em busca de referências a aspectos imagéticos da divindade que aparecem descritos nos textos literários. Assim, contextualizar o significado dessas imagens monetárias nos permite “acessar a que universo simbólico ou repertório cultural compartilhado estavam vinculadas” (Laky 2016: 388). Tal análise é fundamental para esse tipo de estudo, pois nas moedas em geral não dispomos de uma narrativa imagética da forma como ocorre nos vasos, devido à natureza emblemática da imagem monetária, cuja limitação espacial origina representações concisas que comunicam uma mensagem de forma imediata e obedecendo rigidamente a padrões de caráter oficial (Bruneau 1986: 261-262; Caltabiano 1998: 58, 61-52, 63; Laky 2016: 388; Spier 1990: 122). Normalmente, há somente uma imagem principal, associada ou não a imagens secundárias no mesmo campo da moeda. Então, para “saber o que

significava, devemos reconstruir o contexto a que pertenciam nas artes visuais e nos autores antigos” (Laky 2016: 388).

Para tanto, contextualizamos a relação entre artefatos e textos pelo método de correlação de Andrén (1998: 163-171): os dois tipos de evidência podem estar contextualmente associados pela correspondência e/ou associação, ou contextualmente desassociados pelo contraste entre ambos. Esse método previne a interpretação arqueológica de um olhar parcialmente dependente dos textos, que pressuporia uma semelhança ou convergência necessária entre o significado do texto e do artefato, e orienta a análise por meio da problematização das afirmações escritas que estão na base da cultura material. Assim, apesar de os textos literários, fortemente vinculados à cultura oral antiga, auxiliarem na compreensão desse repertório comum em associação com as imagens, destacamos também a especificidade do significado simbólico pertencente a cada tipo de meio comunicativo (Bruneau 1986: 261-262; Caltabiano 1998: 58; Spier 1990: 122). Ademais, utilizando essa abordagem, também evitamos um cunho apreciativo-estético da imagem pela contextualização de sua produção e uso (Bruneau 1986: 268-275).

As evidências literárias levantadas para este estudo fazem referência a cultos a Poseidon em cidades e santuários, classificadas segundo suas especificidades regionais, com seus respectivos epítetos<sup>3</sup> dados ao deus e o tipo de atividade descrita, como acontecimentos míticos, sacrifícios, jogos atléticos etc. Destacamos, todavia, que não devemos deduzir a existência de cultos a partir de imagens monetárias e vice-versa, pois sua produção, por mais difundida no tempo que fosse, era motivada por interesses políticos associados a contextos históricos particulares, compreendidos apenas por meio de estudos de caso, ao passo que, nesta

3 Cognomes ou “apelidos” dados às divindades gregas, que as qualificavam de forma mais específica, estando geralmente relacionados a algum acontecimento mítico ocorrido em dado lugar, o que pode dar origem a um determinado culto.

publicação, apresentamos apenas um quadro geral (Florenzano 2005).

### Histórico das representações monetárias de Poseidon

A partir de nosso levantamento, observamos sete padrões gerais de representação de Poseidon nas moedas, a maioria constituída por uma variação de tipos monetários particulares. São eles: (1) Poseidon de pé atirando o tridente, (2) Poseidon montado em um cavalo e segurando o tridente, (3) Poseidon montado em um hipocampo e segurando o tridente, (4) Poseidon sentado sobre a rocha e segurando o tridente, (5) Poseidon parado de pé e segurando o tridente, (6) cabeça de Poseidon e (7) Poseidon agachado e segurando o tridente.

O padrão I foi o mais atestado durante as épocas arcaica e clássica, além de ser o único atestado contínua e regularmente em todo esse recorte cronológico. A maioria das emissões provêm de Posidônia, na Magna Grécia, desde c. 530 a.C., onde o deus veste um manto estendido sobre os dois braços, até a tomada da cidade pelos romanos em 274 a.C., estando entre as primeiras cidades a representar Poseidon em moedas (Figs. 1-5).



Fig. 1.

Fonte: SNG ANS: 606.

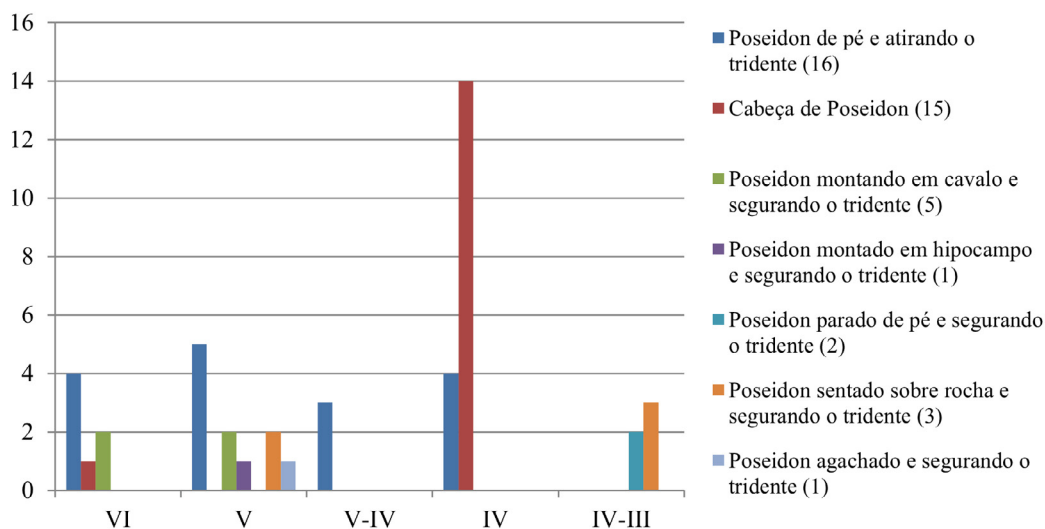


Fig. 2. Padrões de representação de Poseidon em moedas: predominância por século.

Fonte: Guimarães (2022: 19)

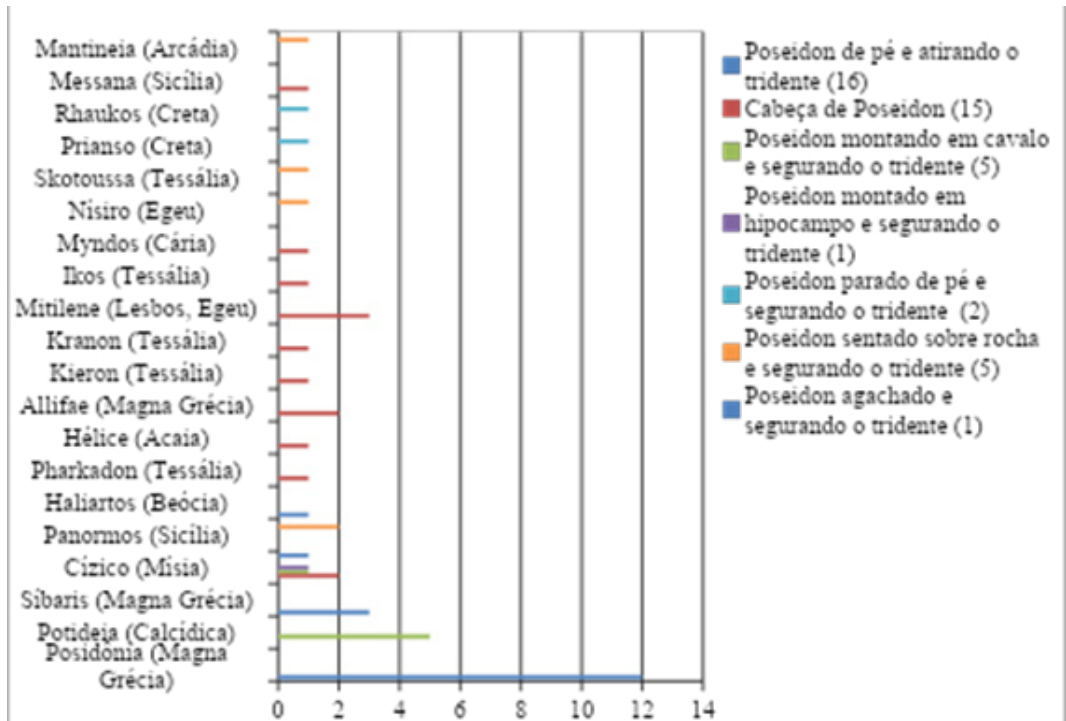


Fig. 3. Padrões de representação de Poseidon em moedas: predominância por cidade.

Fonte: Guimarães (2022: 21)

Síbaris, metrópole de Posidônia, na mesma região, adotou esse padrão em um período muito breve, em c. 455-448, inspirando-se diretamente nos aversos monetários de sua cidade-filha, mas de forma inovadora, ao acrescentar o manto estendido apenas sobre um braço, em vez dos dois, combinado a tipos monetários muito distintos e particulares no reverso, alterando, portanto, o significado da imagem monetária do averso (Figs. 4 e 5)<sup>4</sup>.



Fig. 4.

Fonte: SNG ANS: 859.



Fig. 5.

Fonte: SNG ANS: 861.

<sup>4</sup> Devido à complexidade dos casos de Posidônia e Síbaris, a análise de suas emissões será realizada em um trabalho distinto. Considera-se ainda a possibilidade de não ser Poseidon representado nas emissões sibaritas, pois, apesar de o tridente ser descrito como uma “lança” em certas passagens literárias, esse atributo não era representado dessa forma na iconografia.

A terceira cidade a adotar esse padrão em moedas foi Haliartos, na Beócia, em c. 400-375 a.C., sem qualquer relação com as emissões posidoniatas e sibaritas, criando também um tipo monetário muito característico (Figs. 6).



Fig. 6.

Fonte: BCD Boiotia: 163.

O padrão de representação I, em comparação com outros padrões, é pouco observado em cerâmicas de qualquer tipo, sendo atestado pela primeira vez em um fragmento de *pínax* coríntio de c. 540-520 a.C., proveniente do santuário de Penteskouphia, dedicado a Poseidon, no Istmo de Corinto, no Peloponeso (Fig. 7). Além disso, esse *pínax* é relativamente contemporâneo à primeira emissão de Posidônia, realizada em c. 530 a.C., embora entre todos os *pínakes* de Penteskouphia também seja o exemplar mais tardio de que dispomos, quando a fabricação desses objetos cessou nesse santuário.

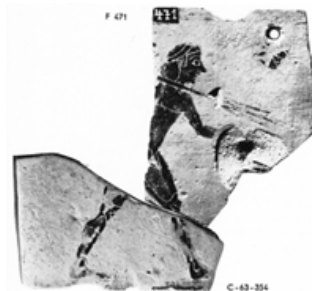


Fig. 7. Museu Estatais de Berlim, Coleção de Antiguidades: F\_471 + C-63-354.

Fonte: Palmieri (2016: tab. 3, Fig. 8.).

O padrão de Poseidon montado em um cavalo e segurando o tridente (2) foi adotado apenas em emissões de Potideia, entre c. 525-450 a.C., sendo depois abandonado (Figs. 9 e 10). Assim como Posidônia, essa cidade está entre as primeiras a representar Poseidon em moedas, coincidindo também com as primeiras emissões monetárias do mundo grego durante a difusão desse objeto.

É importante ressaltar que, como Posidônia e Potideia, a maioria das cidades representou em moedas apenas um dos sete padrões de representação levantados. Por outro lado, essas duas cidades produziram tipos monetários muito variados, exemplificando, dessa forma, uma liberdade de criação artística em consonância com o respeito à “rigidez” da tradição (Figs. 3 e 8).

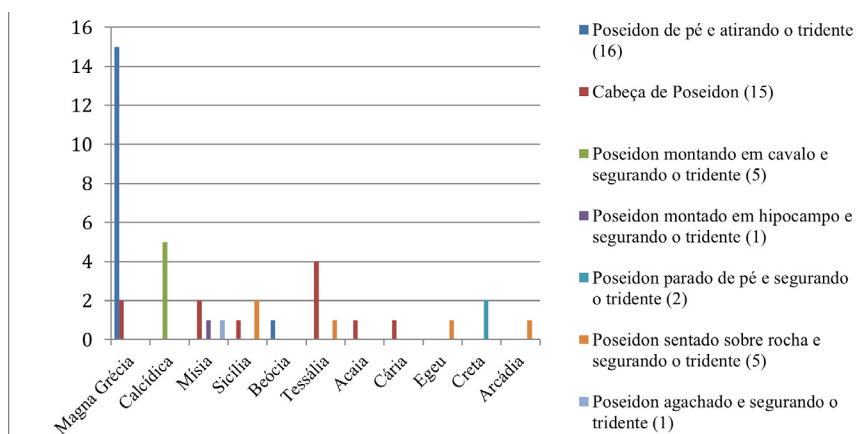


Fig. 8. Padrões de representação de Poseidon em moedas: tendência por região.

Fonte: Guimarães (2022: 24)



Fig. 9.

Fonte: SNG ANS: 688.



Fig. 10.

Fonte: SNG ANS: 692.

O cavalo podia ser montado ou atrelado a um carro, mas, nas moedas das épocas arcaica e clássica, Poseidon não foi representado conduzindo um carro puxado por cavalos, o que, ao contrário, evidencia-se amplamente nas cerâmicas pintadas e em passagens literárias desde o início da época arcaica, como nos poemas de Homero e Píndaro (Hom. *Il.* 8. 25-35; Pind. *Istm.* 1. 30-50).

O padrão (2), como o (1), é pouco observado em cerâmicas pintadas, não havendo ainda qualquer evidência na arte escultórica. Curiosamente, apesar de o cavalo ser um animal amplamente consagrado ao deus, não é atestada nenhuma representação de Poseidon montado em um cavalo nas evidências literárias, de forma que essa representação só é evidenciada na iconografia.

As únicas evidências do século VI a.C. em cerâmicas também são um *pímax* coríntio de c. 600-575 a.C., a mais antiga representação do padrão (2) atestada, e uma cratera coríntia de c. 575-500 a.C. (Figs. 11 e 12). Em ambas as representações, Poseidon segura o tridente na posição diagonal e aponta para cima; a única diferença é que, nessa cratera, Poseidon monta um cavalo alado, o que não se evidencia nas representações monetárias arcaicas e

clássicas do deus. Já no século V. a.C., não há nenhuma representação nesse tipo de suporte, enquanto no século IV a.C. há apenas uma representação vascular.



Fig. 11. Museus Estatais de Berlim, Coleção de Antiguidades: F\_539 + 630.

Fonte: Palmieri (2016: tab. 3, Fig. 7).



Fig. 12. Museu Arqueológico de Santa Escolástica, Coleção Polese: 6207.

Fonte: Simon (1994a: 462) (reconstrução gráfica).

A diferença de sua representação em cerâmicas pintadas para moedas está na orientação do tridente. Nas moedas potideias, Poseidon, na maioria das vezes, o segura na posição horizontal, ao passo que, em cerâmicas, o tridente é sempre segurado na diagonal e apontado para cima.

Caso distinto ao desses dois últimos padrões é o de Poseidon montado em um hipocampo e segurando o tridente (3), muito atestado em vasos áticos dos séculos VI ao IV a.C., abarcando as épocas arcaica e clássica. Em moedas, ele é evidenciado apenas em uma emissão de Cízico, no final do século V a.C. (Figs. 2, 3 e 13). Curiosamente, também

não há evidências literárias disponíveis em que Poseidon é descrito montando em um hipocampo, de forma que essa representação, assim como a de Poseidon montado em um cavalo, só se evidencia pela iconografia.



Fig. 13.

Fonte: SNG von Aulock: 7310; Simon (1994b: 358).

O padrão de Poseidon sentado sobre a rocha e segurando o tridente (4) e o de Poseidon de pé e segurando o tridente (5), de todos os padrões, são os mais atestados em cerâmicas pintadas, especialmente durante a época arcaica, desde o século VII a.C. Em moedas, por outro lado, são os mais tardios a serem representados, a maioria no final do século IV a.C., sendo mais característicos da época helenística, como também apontado por María Rodríguez López (Figs. 2 e 3; López 2019: 266-267).

O padrão IV foi representado de formas muito mais variadas em cerâmicas pintadas do que em moedas, como a representação do deus sentado em uma rocha, em um bloco de pedra, em um banco de madeira, ou sobre um manto suspenso no ar (Fig. 2). Em moedas, esse padrão foi adotado pelas cidades de Mantinea, Nísiro e Scotoussa, no fim da época clássica, cada uma pertencente a regiões distintas do mundo grego. A única exceção são dois tipos monetários do final do século V a.C., pertencentes a Panormos, na Sicília (Figs. 2, 3 e 14-17).



Fig.14.

Fonte: BCD Peloponnesos I: 1490.



Fig. 15.

Fonte: Museus Estatais de Berlim, Gabinete de Moedas (Dr. Bernhard Weisser): 18270050.



Fig. 16.

Fonte: BCD Thessaly II: 755.



Fig. 17.

Fonte: Jenkins, Punic: 3.

O padrão (5), em moedas, é evidenciado pela primeira vez na ilha de Creta, em emissões de Prianso e Rhaukos, pertencentes ao final do século IV a.C. Trata-se de um traço específico dessa região, constituindo ainda as primeiras representações monetárias cretenses de Poseidon (Figs. 18 e 19).



Fig. 18.

Fonte: Le Rider: 16.



Fig. 19.

Fonte: Le Rider: 20.

O padrão de representação da cabeça de Poseidon (6), por sua vez, foi o mais atestado em moedas entre todos os padrões, apesar de a maioria das emissões pertencer ao século IV a.C., quando esse padrão se difundiu por diversas cidades e regiões do mundo grego – traço que também constitui uma particularidade desse padrão, assumindo uma variedade de tipos monetários particulares (Fig. 2). Entre as emissões do referido século, por sua vez, a maior parte provém de cidades da região da Tessália, evidenciando a maior ocorrência de um mesmo padrão em uma mesma região, combinando a cabeça de Poseidon com a do tridente de formas muito variadas (Fig. 8).

Trata-se também de um padrão específico de moedas (incluindo selos e as gemas), principalmente porque a dimensão física circular e reduzida desse tipo de suporte permite um enquadramento adequado ao recorte da cabeça, possibilitando que esta seja mais destacada e detalhada. Ademais, permite, ainda, a produção de novos significados que pouco encontram contrapartida clara nas fontes literárias, em razão desse padrão, por si só, não fazer referência direta a uma determinada cena ou acontecimento mítico, mas constituir uma representação mais abstrata da divindade.

Isso porque, na maioria das representações da cabeça de Poseidon, próprias do século IV a.C. em diante, o deus é representado com uma expressão serena e vestindo um diadema ou uma coroa de folhas de louro ou de oliveira, como no estáter de eléto de Cízico, de c. 380 a.C. (Fig. 20). Nele, o deus, de cabelo sutilmente ondulado e vestindo um diadema, traz o tridente no ombro, com o típico atum no exergo das moedas da cidade. Assim, pelo fato de estar entre as primeiras ocorrências desse padrão, trata-se de

um tipo inovador em relação às representações monetárias precedentes do deus, além de ser único, devido à presença do tridente como elemento secundário e ao próprio metal no qual a moeda foi cunhada, o eléto.



Fig. 20.

Fonte: Traité II: 2605.

O padrão VI também é atestado na dilira de bronze de Messana, de c. 324-318 a.C., em que o deus, com cabelo e barba ondulados bem detalhados, veste uma coroa de louro, ao lado de um golfinho (Fig. 21). Destacamos ainda que a representação da cabeça do deus no anverso, junto ao tridente como tipo principal no reverso, é uma composição característica do final do século IV a.C. em diante.



Fig. 21.

Fonte: Caltabiano: 740.

Uma das variações locais mais destacadas desse padrão ocorre em moedas do século IV a.C., emitidas por Allifae, na Magna Grécia, uma das primeiras cidades a adotá-lo (Figs. 22 e 23). O deus é representado com cabelo volumoso, ondulado e solto, e sua expressão facial é rancorosa, ao invés de serena, em um nível crescente de detalhamento. Nesse caso, é possível considerá-lo semelhante ao estilo

“barroco”, tal como definido por López em relação às representações de Poseidon de época helenística (López 2009: 7-8; 2019: 272-273).



Fig. 22.

Fonte: SNG Mün: 132.



Fig. 23.

Fonte: SNG Tüb: 335.

A única ocorrência desse padrão antes do século IV a.C. evidencia-se em uma emissão de Cízico em elétro de c. 550-500 a.C. e que está entre as primeiras a representar o deus em moedas (Fig. 24). Esse tipo monetário, todavia, em nada se assemelha às representações da cabeça de Poseidon do século IV a.C., além de não apresentar paralelos em outros tipos de suporte.



Fig. 24.

Fonte: Hurter-Liewald I: 17.

Apesar de o padrão VI ser específico de moedas, é comum autores tomarem a arte escultórica da época clássica como modelo para a

representação da cabeça de Poseidon nesse tipo de suporte, de forma que os escultores mais notáveis, como Fídias, seriam responsáveis pelas inovações nas demais artes (Katsonopoulou 2021: 131; Mack 2019:11). Seria principalmente o caso do friso leste de mármore do Partenon, na Acrópole de Atenas, de c. 442-438 a.C. (Fig. 25), onde o cabelo do deus também é ondulado, apesar de mais curto, e do Poseidon de Elêusis, cópia romana de uma estátua grega do século IV a.C. (Fig. 26; López 2019: 272). Ao contrário dessa estátua, em moedas arcaicas e clássicas, Poseidon não foi representado com uma mão apoiada sobre a coxa, apesar das semelhanças com a representação de sua face e de seus cabelos ondulados.



Fig. 25. Museu da Acrópole: Partenon, Friso Leste, Bloco VI: 856.

Fonte: Acropolis Museum (2018).

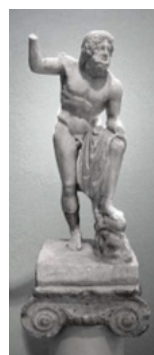


Fig. 26. Museu Arqueológico de Elêusis: 5087.

Fonte: López (2009: Fig. 5).

Defendemos que inovações artísticas poderiam partir da própria tradição monetária, sem uma relação hierárquica necessária com a tradição escultórica, como se esta representasse uma “arte maior”, de maneira que nem sempre uma dada representação monetária de Poseidon teria se inspirado em alguma escultura.

Um possível exemplo da relativa autonomia artística da tradição monetária em relação à tradição escultórica são padrões de representação evidenciados apenas em moedas (talvez devido ao estado fragmentário da documentação), como a representação de Poseidon agachado e segurando o tridente, a qual constituí o padrão (7), em uma emissão de Cízico de c. 430 a.C. (Fig. 27), e o padrão (6), os quais também são evidenciados apenas em moedas dessa cidade. A representação de cabeças, por sua vez, como dito anteriormente, constitui uma particularidade da iconografia monetária, devido às próprias dimensões físicas do objeto, servindo como evidência mais segura para essa relativa autonomia da tradição monetária.



Fig. 27.

Fonte: *Traité VIII*: 175.

Com isso, Cízico é um caso especial, pois, ao contrário da maioria das cidades gregas, que representaram em suas moedas apenas um dos sete padrões levantados, nessa cidade, evidencia-se a maior variedade de padrões únicos e inovadores, por não apresentarem paralelos em outros tipos de suporte e em moedas de outras cidades<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Devido à sua complexidade própria, a especificidade dessas emissões de Cízico será discutida em uma publicação posterior.

### Do significado simbólico das representações monetárias de Poseidon

Poseidon, nas épocas arcaica e clássica, ao contrário de ser a divindade marítima grega “por excelência”, atuava tanto no domínio marítimo quanto no terrestre úmido, assumindo ainda traços de divindades celestes, como Zeus (Panchenko 2019; Turak 2018)<sup>6</sup>. Assim, a partir da definição de Poseidon como “senhor de dois mundos”, estabelecida por Polignac, consideramos que esses domínios eram interligados sem uma fronteira nítida, permitindo-nos perceber que o deus não apenas atuava em múltiplas esferas, mas, muitas vezes, de forma simultânea (Polignac 2017: 81).

Os seguintes traços “negativos” de Poseidon, segundo a concepção acadêmica tradicional, o caracterizariam como uma divindade irracional e contrária à ordem cívica da pólis no plano político e religioso: (1) seu comportamento excessivamente colérico e inflexível, pelo fato de ser desprovido da sabedoria e prudência que definem a *métis*, cujo maior detentor é Zeus; (2) também rancoroso, pelo fato de ser menos honrado que Zeus, a ponto de Poseidon possuir uma relação ambígua com a justiça divina, a *thémis*, que institui a ordem cosmológica sob a proteção de Zeus<sup>7</sup>; (3) ser progenitor de monstros e reis insolentes, arrogantes e violentos (Doyen 2011: 193-196, 217; Robertson 1985: 1; Vernant 2018: 17-18, 41-53).

Todavia, em contraposição a essa concepção tradicional, Poseidon também atuava ativamente na manutenção da ordem cosmológica como mediador entre os mundos ctônico e olímpio, de maneira que a relação entre qualidades ctônicas e olímpias mais se complementam do que se opõem, como bem demonstrado por François de Polignac (2017).

<sup>6</sup> Sobre as esferas de atuação de Zeus, incluindo a celeste, ver Laky (2016).

<sup>7</sup> Sobre o papel de Zeus na ordenação do funcionamento das instâncias políticas da cidade grega, ver Laky (2016: 591).

Assim, Poseidon, apesar da animosidade de seu comportamento, era concebido comopositor de uma ordem às suas esferas cosmológicas de atuação e domínio, que se desdobra na esfera cívica por meio do exercício de sua justiça. Portanto, se Poseidon fosse considerado hostil ao universo das cidades, estas não iriam investir seus recursos na produção de imagens monetárias do deus, a fim de se valer desse poder divino por ele exercido em benefício da comunidade cívica. Dado que o tridente podia assumir as funções de arma e de cetro, os aspectos militar e monárquico de Poseidon foram mobilizados em suas representações monetárias, ainda que a monarquia não fosse um regime muito difundido entre as cidades gregas nas épocas arcaica e clássica.

#### Poseidon de pé e atirando o tridente (1)

Este padrão era muito associado à função do tridente como arma, com a qual o deus é capaz de golpear a terra para criar fontes d'água e passagens fluviais ou, ao contrário, provocar terremotos e inundações marítimas que destruíam cidades e campos férteis (Apollod. 3.14.1; Diod. 15.49.1; Hom. *Od.* 12.17-36; Paus. 2. 22. 4; 7.24.5). Nem sempre Poseidon aponta o tridente horizontalmente, mas para o chão, como se estivesse prestes a golpeá-lo, ou prestes a causar um tremor com um golpe de sua arma. Todavia, como em moedas de Haliartos, essa posição do tridente pode ocorrer devido à adequação da imagem ao pequeno espaço disponível na face monetária. Quando os autores antigos se referiam ao Poseidon que golpeia a terra, é muito provável que seja com o tridente, sem, no entanto, ser citado (Diod. 15.49.1; Paus. 2. 22. 4; 7.24.5). Ele é descrito fazendo estremecer a montanha e as árvores da Samotrácia apenas com a força das velozes pisadas de seus pés (Hom. *Il.* 13.15-20).

Esses poderes lhe são atribuídos por meio dos epítetos “Treme-Terra” e “Inundador”, geralmente em razão de sua ira contra os mortais que não o honram devidamente – apesar de haver exceções em que esse poder é exercido

justamente em benefício dos homens, por exemplo na Tessália, como será discutido (Larson 2007: 68-68; 2009: 64-66; Mili 2015: 238).

#### Poseidon montado em um cavalo e segurando o tridente (2)

De forma semelhante ao padrão (1), o padrão (2) destaca a função do tridente como arma. Todavia, este padrão não se limita à esfera militar, estendendo-se a todas as atribuições dadas ao cavalo como animal consagrado ao deus. Essas atribuições também estão interligadas aos epítetos “Treme-Terra” e “Inundador”, pois a origem desse animal está intimamente ligada à criação de fontes d'água e de rios, os quais eram considerados potências masculinas devido ao seu poder fertilizador e à sua força física, elementos de virilidade presentes tanto no cavalo quanto no touro, animal também consagrado a Poseidon (Larson 2007: 68-68; 2009: 64-66).

O cavalo era considerado uma dádiva de Poseidon como espécie gerada por ele e a ele assemelhada, de forma que o deus podia assumir a sua forma animal. É como *Hippios*, “Senhor dos Cavalos”, que Poseidon, na forma de um cavalo, fecundou Deméter na Arcádia, fazendo-a gerar o cavalo Areion (Apollod. 3.6.8; Paus. 8. 25. 6-7; 8. 37. 9; 8.42.1). Em Hesíodo, sob o epíteto de Crina-Cobalto, Poseidon, por conta de sua união com Medusa, é pai do cavalo alado Pégaso (Hes. *Theog.* 278-280). Na cratera da época arcaica anteriormente citada, o deus também é representado montando em um cavalo alado, enquanto segura o tridente (Fig. 12).

Foi na Tessália que a representação monetária do cavalo foi mais associada com Poseidon durante a época clássica<sup>8</sup>. Defendemos que essa associação, nesse contexto, só pode ser compreendida a partir da intersecção do epíteto “Treme-Terra”, tanto com a consagração desse animal ao deus como com a potência fertilizadora de Poseidon, associada, por sua vez, tanto ao cavalo quanto ao touro e às águas

8 Essas emissões tessálias serão melhor discutidas no segundo artigo.

fluviais (Komita 1985: 32-33; Larson 2007: 68-68; 2009: 64-66; López 2009: 6; Mili 2015: 238). Heródoto (Hdt. 7.129. 1-4) relata, segundo a tradição local, como o vale fértil da região era antes um grande lago cercado por montanhas, até o deus criar a chamada passagem montanhosa do Tempe, como um canal de escoamento das águas fluviais para o mar.

*Os próprios tessálios dizem que foi Poseidon quem criou o canal através do qual fluiu o rio Peneios, cujo relato é verossímil, pois qualquer um que considera Poseidon, segundo o costume, ser aquele que faz tremer a terra (tên gên seiein), também considera que aberturas causadas por terremotos são obra do mesmo deus, de maneira que, vendo essa passagem, diriam que Poseidon foi quem lhe deu origem. É, portanto, obra dos abalos sísmicos, como para mim parece evidente, a divisão entre as montanhas (Hdt. 7.129.4; tradução nossa).*

Assim, como “aquele que faz tremer a terra”, título análogo à “Treme-Terra”, a fertilidade terrestre da região é uma dádiva de Poseidon, possibilitando a vida em cidades, de maneira que seu poder de causar terremotos assume um aspecto excepcionalmente positivo. Em vez de causar uma inundação destrutiva, como em outros relatos, o deus, ao contrário, realiza essa dádiva acabando com uma inundação, cuja origem não é relatada. Na Tessália, Poseidon não compete com nenhum outro deus, diferentemente de outras regiões, onde pode ser uma divindade vingativa, e faz do cavalo e da planície fértil, além do touro, um dos mais importantes símbolos da região (Mili 2015: 238). Esse fato também explica a ampla representação monetária do tridente ao lado do cavalo na Tessália, de forma muito específica em comparação com outras localidades do mundo grego. Apesar de o trecho não explicar como exatamente Poseidon teria causado o tremor que abriu a passagem do Tempe, é verossímil atribuir-lhe o golpe do tridente, o qual, segundo versões, teria dado em Skyphios, o primeiro cavalo, na mesma região (*Etym. Magn.* 473.42; sch. Pind. *Pit.* 4.246).

Além da esfera terrestre úmida, o cavalo, como animal consagrado a Poseidon, é associado com a esfera marítima principalmente no epíteto de *Kyanokhaites*, “Crina-Cobalto” (*Hes. Theog.* 278; *Hom. Od.* 9.529; 9.537;). A descrição do cabelo de Poseidon como uma crina azul-cobalto refere-se possivelmente ao domínio marítimo, ao mesmo tempo que comporta ao domínio terrestre úmido, evidenciando também a complexidade da atribuição de variadas esferas cosmológicas a uma mesma divindade<sup>9</sup>. No *Hino Homérico 22*, esse epíteto aparece associado a *híppon dmetér*, “domador de cavalos”, podendo-se estender seu poder de dominação da ira selvagem dos cavalos sobre a ira dos mares, a qual ele é capaz de apaziguar.

Segundo Martin West, na tradição poética grega, o epíteto mais comum para “navio” é “cavalo do mar”, expresso em diversas palavras que significam “mar” ou “cavalo”, como *halós híppoi*, na *Odisseia* (*Hom. Od.* 4.707-9). No entanto, como na poesia homérica os cavalos são retratados conduzindo carruagens, o autor sugere que esse epíteto poderia significar “carroça do mar”, assemelhando dois meios de transporte empregados na guerra, mas pertencentes a esferas de domínio distintas (West 2022: 94). Considera-se aqui, então, que a carroça puxada por cavalos, que Poseidon conduz sobre as águas do mar, pode também exemplificar esse desdobramento da esfera terrestre para a marítima, o que permite sua comparação com os navios (*Hom. Il.* 13. 20-35).

Essa complexa associação entre o cavalo e o navio, unindo duas esferas de domínio muito distintas, é evidenciada em Pausânias, quando este afirma, em um só trecho, que os epítetos de *Pelagaios* (“o que habita o mar”), *Asfálios* (“o que dá segurança”) e, enfim, *Híppios*, atribuem-lhe simultaneamente a criação da arte da cavalaria, da condução de carroças e da navegação (*Paus.* 7. 21.7-10). Sófocles, por

9 Epíteto também traduzível como “dos cabelos escuros/negros”, compartilhado com outras divindades, como Hades (*H.H.* 2.347). Devido à semelhança do azul cobalto com o azul do mar escuro, inspiramo-nos na tradução de Christian Werner como “Coma-Cobalto”. Todavia, escolhemos destacar a associação específica desse epíteto com o cavalo.

sua vez, descreve Poseidon tanto como o deus que concebeu as rédeas aos mortais, a fim de apaziguar a ira dos cavalos, como também aquele que lhes concedeu os remos dos navios (Soph. OC. 710-715).

Enquanto o epíteto *Kyanokhaïtes* é mais restrito à tradição poética arcaica, sem relação evidenciada com cultos específicos, o epíteto *Hippios*, por sua vez, costuma ser especificamente evidenciado na literatura em mitos que explicam a origem de cultos de Poseidon na região do Peloponeso, principalmente na Arcádia, localidade onde se atesta, inclusive, sacrifícios de cavalos ao deus, não por acaso, em áreas de córrego (Diod. 15.49.1; Paus. 8. 7. 2).

Embora seja um epíteto comum, ainda que não exclusivo, Poseidon foi raramente retratado montado em um cavalo (Mylonopoulos 2010: 193), o que se evidenciou nas cerâmicas pintadas e nas moedas, revelando a excepcionalidade das emissões de Potideia na arte grega. Todavia, não há nenhuma evidência segura de que o epíteto *Hippios* tenha sido consagrado a Poseidon em Potideia, apesar de lhe ser amplamente consagrado em Corinto, sua cidade fundadora.

A maioria das menções a Poseidon na literatura antiga que fazem referência a uma localidade do mundo grego refere-se a Corinto e ao Istmo de Corinto, como evidenciado pelos poemas de Píndaro (Pind. *Istm.* 1.30-50; *Ol.* 13.5, 65). No santuário pan-helênico de Poseidon de Ístmia, no Istmo de Corinto (próximo ao qual se situava o santuário de Penteskouphia, de onde provém a representação mais antiga, em um *pínax*, de Poseidon montando em um cavalo e segurando o tridente), ocorriam competições a cavalo, seja montando ou puxando carroças. Antigo símbolo militar da realeza micênica, o cavalo tornou-se um símbolo de riqueza e status da aristocracia grega a partir da época arcaica, usado principalmente em competições atléticas, mais do que propriamente na guerra, apesar de esse fato não excluir os grupos subalternos na criação de cavalos nem no culto a Poseidon (Aston & Kerr 2018). Nas *Odes Ístmicas* de Píndaro, em que o poeta canta em nome dos

vitoriosos nas competições hípicas (Pind. *Istm.* 2.10), Poseidon é chamado de “senhor das corridas de cavalo e de carroça” (Pind. *Istm.* 1.30-50).

Entretanto, a única evidência literária sobre o culto de Poseidon em Potideia, de onde provêm as únicas representações monetárias de Poseidon montando em um cavalo, vem de uma passagem de Heródoto, na qual o historiador narra sobre a enxurrada marítima que salvou Potideia dos persas, atribuída pelos habitantes da cidade a Poseidon. Segundo o relato:

*Os potideios contaram que a causa da maré alta, da torrente e do infortúnio dos persas foi a seguinte: que foram mortos pelo mar aqueles dentre os persas que cometeram sacrilégio contra a estátua do templo de Poseidon nas cercanias da cidade. De minha parte, faz sentido quando dizem ser esta a causa* (Hdt. 8. 123. 3; tradução nossa).

Não é possível afirmar que a representação monetária de Poseidon por Potideia, que se iniciou quase meio século antes da segunda guerra pérsica (482-479 a.C.), faz necessariamente alusão à estátua citada por Heródoto. É provável que esse padrão de representação nas moedas potideias tenha se inspirado no padrão evidenciado nos *pínakes* coríntios de Penteskouphia, que as antecedem algumas décadas, especialmente porque Potideia foi uma cidade fundada por Corinto. Também é importante destacar como o culto a Poseidon em Potideia evidencia a intersecção das esferas marítima e terrestre úmida, tanto pela sua representação monetária, na qual o deus monta um cavalo, quanto à causa divina atribuída às ondas marítimas que abateram os persas que atacavam a cidade.

Poseidon agachado e segurando o tridente (7) e Poseidon montado em um hipocampo e segurando o tridente (3)

Estes dois padrões de representação evidenciados durante as épocas arcaica e clássica, apenas em emissões de Cízico,

apresentam pouca ou nenhuma contraposição em fontes literárias, especialmente no caso do padrão (3), pois não há nenhuma passagem textual em que Poseidon é descrito montado em um hipocampo.

Em Hélice, antes de sua destruição, havia uma estátua de bronze de Poseidon de pé segurando um hipocampo em uma das mãos, monstro que seria perigoso para aqueles que pescam com redes, apesar de o autor não explicar o motivo (Strab. 8. 7. 2). Ainda assim, esse trecho evidencia o comportamento ambíguo, potencialmente nocivo, dos monstros como atributos de uma divindade, tal qual o próprio mar, que, associado ao submundo, é uma esfera que abriga criaturas completamente estranhas à realidade humana (Florenzano 1995: 225-227; Larson 2009: 59; López 2009: 6).

O padrão (3) pode simbolizar o domínio de Poseidon sobre a esfera marítima sob esse aspecto específico, em oposição ao padrão (7). Isso porque, o fato de, como no padrão (7), Poseidon também segurar um golfinho na mão (**Fig. 27**) sugere uma simbolização do mar tranquilo, apaziguado pelo deus, como atitude benéfica frente aos pescadores, navegantes e habitantes da costa, todos dependentes do bom humor dessa divindade (Larson 2009: 60; López, 2009: 6; Hom. *Il.* 13.17-31).

Esse traço de Poseidon, relacionado aos monstros, será melhor compreendido sob o prisma do apotropismo, abordado no tópico adiante.

Poseidon sentado sobre uma rocha e segurando o tridente (4) e Poseidon de pé segurando o tridente (5)

Os padrões (4) e (5) são os que mais destacam o aspecto monárquico de Poseidon, já que o tridente, representado em repouso na mão do deus, o qual está parado, cumpre a função explícita de cetro régio. Poseidon era concebido como um deus-monarca desde a época micênica, cujo poder político-militar associava-se com seu poder de fertilizar a terra, associação que se estendia à criação de cavalos,

ainda que atrelado a carroças (Doyen 2011: 154-160; Komita 1985: 32-33).

Essa concepção de poder prevaleceu nas épocas arcaica e clássica, mesmo que a realeza micênica palaciana não mais existisse e que o cavalo não fosse extensivamente usado na guerra por muitos dos gregos, especialmente na Grécia Central<sup>10</sup>.

Poseidon é assim descrito quando manifesta com ira sua indignação, expressa pelo verbo *nemesáō*, contra Zeus, o que o levou a se revoltar contra este irmão (Hom. *Il.* 13. 10-61). O deus justifica-se pela repartição proporcionalmente igualitária do cosmos entre eles e Hades, a qual Zeus teria violado (Hom. *Il.* 15.184-220). Como consequência, Poseidon intervém na guerra de Tróia, defendendo os aqueus de um ataque troiano apoiado por Zeus.

[10] *Mas da vigília cega não se ocupava o majestoso Treme-Terra, que contemplava a guerra e a batalha sentado sobre o topo do cume mais alto da arborizada Samotrácia: revelava-se dali todo o monte Ida, como também a cidade de Príamo e as naus dos aqueus.*

[15] *Ali repousado, tendo vindo do mar, compadeceu-se dos aqueus sendo destróçados pelas armas troianas, e, indignado, revoltou-se duramente com Zeus. Imediatamente, desceu a montanha escarpada, avançando a passos rápidos: ela, enorme, estremece, e também a floresta, com as pisadas da marcha do imortal Poseidon.*

[20] *Caminhando, avançou três passos, e, ao quarto, alcançou o limite do Egas, o radiante e reluzente palácio dourado, para sempre imperecível, nas profundezas do mar. Delas emergiu sobre seu carro atrelado aos seus dois cavalos,*

10 Ainda que Charles Doyen defenda que Poseidon tenha perdido seu status soberano da época micênica a partir da época arcaica, acreditamos que essa hipótese se aplica apenas a algumas regiões do mundo grego, principalmente a Ática.

que possuíam pés de bronze de voo veloz e ostentavam longas crinas douradas,  
[25] e, ele mesmo armado com ouro ao redor do corpo,  
agarrando o açoite dourado, bem trabalhado,  
fez andar sua carroça,  
e, conduzindo-a, avançou sobre as ondas:  
aos seus pés enormes peixes saltavam alegremente,  
vindos de todas as regiões das obscuras profundezas do mar,  
pois nunca deixariam de reconhecer seu soberano.  
O mar abria-se sorridente. Voando extremamente rápidos,  
[30] sem abaixo molhar o eixo de cobre da carroça:  
os cavalos de ágeis saltos assim conduziram-na até as naus dos aqueus.  
Há, porém, uma caverna nas profundezas do abismo oceânico,  
entre as ilhas de Tinido e da escarpada Imbro:  
ali, Poseidon Treme-Terra estacionou seus cavalos,  
[35] desatrelando-os da carroça, e, ao seu lado, deu-lhes de comer  
o alimento da ambrósia: em torno das patas lançou as  
peias douradas, indissolúveis e inquebráveis,  
a fim de que,  
presos à preia, aguardassem, ali mesmo, o feliz retorno de seu mestre,  
que partia em direção ao exército dos aqueus (Hom. Il. 13.10-39; tradução nossa).

A descrição de Poseidon sentado sobre o “topo do cume mais alto da arborizada Samotrácia” pode ser interpretada como o deus entronado, hipótese reforçada pela descrição do tridente como um cetro nos versos seguintes. Quando o deus desce dali em direção ao Egas, no fundo do mar, pressupõe-se uma continuidade entre os domínios marítimo e terrestre úmido. Três vezes o deus é chamado de *Enosikhthon*, “Treme-Terra”, epíteto associado à paisagem descrita sob seu domínio: a montanha rochosa e “escarpada” (*paipaloésses*) da montanha da Samotrácia, que o deus faz tremer ao caminhar. Também é “escarpado” o rochedo

elevado, comparado à montanha e, como será descrito nos versos seguintes, sobre o qual paira o falcão, que é comparado a Poseidon, pois tanto a ave de rapina quanto o deus observam com seu olhar aguçado sua presa no mundo abaixo (no caso do deus, os troianos), antes de atacarem. São ainda “escarpadas” as duas ilhas que circundam o seu estaleiro no fundo do mar.

Em seguida, Poseidon, após emergir do mar, assume a aparência do adivinho Calcas e instiga os argivos a resistirem com coragem contra o ataque dos troianos, que planejavam tomar os navios dos aqueus, pois um deus provocaria seus corações para defenderem seus navios com ímpeto (Hom. Il. 13. 39-58). O trecho continua:

E o que sustenta e abala a terra, agitando o seu cetro,  
[60] um e outro encheu de impetuosa coragem, e animou seus membros, tomando rápidos e ágeis suas mãos e pés.  
E como um falcão de asas velozes que se põe em movimento para voar,  
tendo pairado alto sobre um elevado rochedo escarpado,  
lançando-se em seguida sobre os prados contra outra ave para caçá-la,  
[65] Assim, ao lado deles, lançou-se velozmente Poseidon Treme-Terra (Hom. Il. 13. 59-65; tradução nossa).

O seu tridente é descrito como um “cetro” (*skepánion*), que Poseidon agita como forma de infundir coragem (*ménos*) no coração dos aqueus, animando os seus corpos para o combate físico. Como deus-monarca que atua com o seu cetro régio, a “vigia” que Poseidon exerce do topo da montanha (sobre a qual estava sentado como se o deus estivesse entronizado), comparada com o olhar do falcão, assemelha-se ao aspecto onividente de Zeus, já este como divindade celeste, sob o epíteto de *euríopa*. Segundo Martin West, embora esse epíteto fosse interpretado pelos antigos como “aquele com a voz de longo alcance”, sua origem talvez significasse também “aquele com a visão ampla”, referente à função de Zeus de inspecionar o mundo a partir de sua

posição elevada no céu. Essa função decorre de sua onividência, conferindo-lhe o poder da onisciência como forma de supervisionar a justiça (West 2022: 195-196).

Podemos, assim, considerar a possibilidade de Poseidon compartilhar aspectos de divindades associadas com o céu, como um aspecto de Zeus (além da semelhança entre o tridente e o raio<sup>11</sup>, que será abordada no segundo artigo, e do poder comum de causar tempestades) associado a Poseidon, quando comparado com a ave de rapina pousada sobre um monte elevado. Também consideramos a atuação desse deus como supervisor da justiça na posição de monarca, marca que evidencia a proximidade entre essas duas divindades irmãs e a atuação dos deuses em múltiplas esferas cosmológicas.

#### O aspecto apotropaico da representação monetária de Poseidon

Resta a questão de como a própria ira de Poseidon, exercida por meio de terremotos, tempestades marítimas, enchentes fluviais, tsunamis e secas, podia ser apropriada pelas cidades gregas em benefício destas, em vez de ser tomada como razão para que o deus fosse contrário à ordem cívica da pólis, o que não se evidencia, inclusive, pelas inúmeras representações tanto do deus quanto do tridente em moedas, desde a difusão desse objeto pelo mundo grego, a partir da segunda metade do século VI a.C.

As passagens analisadas a seguir descrevem como Poseidon é responsável pela destruição de cidades, de suas áreas férteis ou de grandes construções urbanas, como muralhas, quando não honrado devidamente.

Em sua disputa contra a deusa Atena pela posse da Ática, a fim de se tornar a divindade mais cultuada na região, Poseidon, “tendo sido o primeiro a chegar na Ática, batendo com o seu tridente no meio da Acrópole, fez surgir o mar que agora chamam de Mar de Erecteu”, o qual, possivelmente, era a fonte d’água marinha

localizada no Erecteion (Apollod. 3.14.1). Todavia, no mesmo trecho, quando perde sua hegemonia sobre a Ática para Atena e, portanto, a hegemonia de seu culto na região, “de ânimo enfurecido, inundou a planície de Triásio e fez o mar submergir a Ática” como punição. Já na disputa entre Poseidon e Hera pela hegemonia da Argólida, após a região ser consagrada à deusa, o deus fez o mar inundar a Argólida como punição aos habitantes dali, inutilizando seus campos férteis. Após Hera convencê-lo a recuar as águas, os argivos construíram-lhe um santuário onde ele seria cultuado sob o epíteto de *Prosklistio*, “Inundador” no local de onde as ondas foram recuadas (Paus. 2. 22. 4).

Como “Treme-Terra”, Poseidon, após afundar uma nau feácia transformando-a em pedra como forma de aviso, ameaça, segundo o conselho de Zeus, arremessar uma montanha contra a cidade dos feácios, localizada na ilha mítica de Esquéria, pelo fato de terem oferecido escolta a Odisseu para sua casa em Ítaca. Os feácios eram navegantes (cujos reis descendiam de Poseidon), que sabiam de uma profecia sobre sua punição pelo deus por darem escolta pelo mar a todos os mortais. Diante do medo de que Poseidon destruísse sua cidade, os feácios optaram por suplicar ao deus sacrificando-lhe doze touros diante de um altar e por parar, enfim, de oferecer escolta a qualquer homem (Hom. *Od.* 12.146-186).

Também, sob o mesmo epíteto, Poseidon, com a ajuda de Apolo, destrói com uma enxurrada fluvial a muralha dos aqueus que cercavam Troia (Hom. *Od.* 12.17-36), pois estes não lhe prestaram honra ao erguê-la. Isso ocorre porque a construção de muralhas lhe era consagrada. Foi Poseidon quem construiu as muralhas do Tártaro, obra que contribuiu para a manutenção da ordem cósmica sob a era de Zeus, e da própria cidade de Tróia, com a ajuda de Apolo (Hes. *Theog.* 732-735; Hom. *Il.* 7.445-453).

Não era apenas no plano mítico-poético que Poseidon era responsável por essas catástrofes, mas também sua personalidade foi atribuída a tragédias evidenciadas historicamente.

Hélice, no ano de 373 a.C., foi devastada por um terremoto e um tsunami, cuja causa foi atribuída à ira de Poseidon pelo fato de os

11 Sobre a iconografia do raio nas moedas e na arte grega em geral, e o seu significado simbólico, ver Laky (2016).

cidadãos dessa cidade da Acaia terem atacado os jônios que haviam se estabelecido nela para cultuá-lo, pois era onde se localizava um santuário que lhe era dedicado sob o epíteto de Helicônio (Diod. 15.49.1; Paus. 7.24.5).

Também foi atribuído a Poseidon um terremoto na Argólida, no início do século IV a.C., durante a invasão espartana da região, sob liderança do rei Agesipolis. Seus oficiais começaram a cantar hinos ao deus como forma de pedir proteção, desejando retirar suas tropas da invasão como mau presságio enviado pelo deus. O rei, todavia, afirmou que se tratava de um sinal para continuar a invasão, interpretando que o terremoto foi enviado depois e não antes do início da campanha (Xen. *Hell.* 4.7.4).

A apropriação benéfica pela cidade grega da própria ira de Poseidon, analisada nos exemplos anteriores, pode ser compreendida pelo apotropismo, fenômeno que define o uso de uma imagem ou objeto para afastar o mal que ele próprio simboliza (Florenzano 1995: 225-227). Nesse sentido, a imagem de monstros é geralmente usada para esse fim, isto é, criaturas caóticas de aparência híbrida, de dimensões exageradas e que causam repulsa ao observador. Mas essa mesma ideia se aplica à imagem dos deuses olímpicos, que não só podem compartilhar essas características monstruosas, como também podem causar tanto o bem quanto a morte e a destruição, quando enfurecidos (Florenzano 1995: 225-227). Por isso, Poseidon não é apenas um deus olímpico, é também uma divindade próxima de monstros, como os ciclopes, hipocampos, gigantes e serpentes marinhas<sup>12</sup>.

No caso das moedas, o aspecto apotropaico de sua iconografia era o de fixar uma energia divina visando invocar uma proteção em favor da cidade emissora (Florenzano 1995: 225-227). Assim, consideramos que foi em parte devido ao apotropismo que, nesse caso, a imagem monetária tinha eficácia simbólica, dado seu duplo papel comunicativo: comunicar tanto

à própria comunidade cívica quanto às outras cidades que a divindade representada atuava em favor dela, orientando sua ira divina segundo seus interesses, por meio de sua apropriação política e identitária. No entanto, ainda que as imagens monetárias fossem reproduzidas em série, eram objetos dotados de um poder único e intrínseco (Bayet 1959: 65-66), o qual era mobilizado conforme os interesses políticos e identitários, não se tornando simplesmente “cópias” de um modelo original autêntico, como uma estátua que encarnava a própria divindade por ela representada. Dessa forma, as cidades emissoras, na criação de imagens monetárias, exploravam ao máximo o seu potencial comunicativo e sua eficiência simbólica, a fim de resguardar sua segurança e reafirmar a identidade cívica dos cidadãos que a compunham.

Nesse contexto, o aspecto apotropaico e identitário da representação monetária de Poseidon será melhor compreendido pela representação do tridente como atributo capaz de sintetizar eficazmente os significados simbólicos dessa divindade segundo os interesses políticos da autoridade emissora.

### Considerações finais

A representação monetária de Poseidon nas épocas arcaica e clássica assumiu uma complexidade única que a distingue, de forma inovadora, daquela em cerâmicas pintadas e esculturas, tanto do ponto de vista de sua forma quanto de seu significado. Esse fato contradiz as concepções tradicionais dessa divindade como decadente e anticívica, posto que sua imagem foi apropriada pela pólis como emblema monetário, explorando ao máximo o seu potencial comunicativo, a fim de reafirmar sua identidade cívica e resguardar sua segurança, mobilizando seus traços caóticos em favor da própria cidade, processo melhor compreendido por meio do apotropismo. Além disso, a representação monetária de Poseidon evidencia sua atuação em múltiplas esferas cosmológicas interligadas intimamente, impossibilitando identificá-lo apenas como divindade marítima. Todavia, a

12 Durante a época clássica, a serpente marinha foi representada junto a Poseidon em moedas de Cizico, Posidônia e Mitilene. Essas emissões, todavia, serão analisadas em uma publicação separada.

representação monetária do tridente também assumiu uma complexidade própria, a ponto de demandar um estudo específico que complemente àquela de Poseidon. Por isso, na segunda parte do

artigo, este estudo será apresentado com o objetivo de realizar uma síntese sobre a análise das imagens tanto do tridente quanto de Poseidon em moedas arcaicas e clássicas.

GUIMARÃES, V.; LAKY, L.A. Just the Greek god of the sea? The iconography of Poseidon on the Archaic and Classical Greek coins. *R. Museu Arq. Etn.* 45: 174-196, 2025.

**Abstract:** In this article, we present the development of the representation of Poseidon on coins issued by Greek cities during the Archaic and Classical periods, with the aim of understanding to what extent his depiction in monetary evidence was innovative compared to that in painted ceramics and sculptures. To this end, we identify which Greek cities and regions produced the most images of Poseidon on coins during these periods, as well as the specific periods of greatest usage. We also establish general patterns of representation of these images in Archaic and Classical Greek art to understand their symbolic meaning and their specificity on coins through a comparative study, correlating archaeological documentation with literary sources. Based on an extensive and unprecedented documentary survey of this god and his principal attribute, the trident, this research brings forth the main conclusions regarding the imagery of Poseidon, which, surprisingly, has not been systematically studied until now, making this deity and his principal attribute, despite being widely known in the modern West, very poorly understood. Furthermore, our goal is to highlight the potential of coins as objects of analysis for both archaeological and historical research.

**Keywords:** Poseidon; Trident; Greek Coin Iconography; Apotropaism; Identity.

### Referências Bibliográficas

- CATÁLOGOS NUMISMÁTICOS
- Jenkins, Punic – Jenkins, G.K. 1997. *Coins of Punic Sicily*. Swiss Numismatic Society, Zurique.
- BCD Peloponnesos I – The BCD Collection. 2006. Coins of Peloponnesos. *LHS Numismatics* 97: p. 8-9
- LIMC – Simon, E. 1994. Poseidon. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Artemis & Winkler Verlag, Zurique, 446-479.
- BCD Thessaly II – The BCD Collection of the Coinage of Thessaly. 2012. *Classical Numismatic Group*. Triton XV, Nova York.
- Traité – Babelon, E. 1907. *Traité des Monnaies Grecques et Romaines – Vol. II*. Ernest Leroux, Paris.
- Caltabiano – Caltabiano, M.C. 1993. *La monetazione di Messana, con le emissioni di Rhegion dell'età della tirannide*. Walter de Gruyter, Berlim.
- SNG von Aulock – Sylloge Nummorum Graecorum. 1981. *Sammlung Hans Von Aulock*. Vol. 1. Gebr. Mann Verlag, Berlim.
- Le Rider – Le Rider, G. 1966. *Monnaies Crétoises du V au I Siècle av J.C.* Geuthner, Paris.
- SNG ANS – Sylloge Nummorum Graecorum. 1972. *The Collection of the American Numismatic Society*

Apenas o deus grego do mar? A iconografia de Poseidon em moedas gregas das épocas arcaica e clássica (Parte I)  
*R. Museu Arq. Etn.*, 45: 174-196, 2025.

- *Parte 2: Lucania*. The American Numismatic Society, Nova York.
- SNG Mün – Sylloge Nummorum Graecorum. 1970. *München Staatliche Münzsammlung – Parte 2*. Gebr. Mann Verlag, Berlim.
- SNG Tüb - Sylloge Nummorum Graecorum. 1981. *Münzsammlung Universität Tübingen – Parte 1: Hispania-Sikelia*. Gebr. Mann Verlag, Berlim.  
FONTES PRIMÁRIAS LITERÁRIAS:
- Apolodóro. 2008. *The Library of Greek Mythology*. Oxford University Press, Oxford
- Diodoro Sículo. 1989. *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes*. Harvard University Press, Cambridge; William Heinemann, London.
- Heródoto. 2008. *The Histories*. Oxford University Press, Oxford.
- Hesíodo. 2013. *Teogonia*. Hedra, São Paulo.
- Homero. 2010. *Hinos Homéricos: tradução, notas e estudos*. Editora UNESP, São Paulo.
- Homero. 2013. *Ilíada*. Penguin-Companhia, São Paulo.
- Homero. 2011. *Odisseia*. Penguin-Companhia, São Paulo.
- Pausânias. 1918. *Description of Greece*. Harvard University Press, Cambridge; William Heinemann, London.
- Píndaro. 1997a. *Olympian Odes. Pythian Odes*. Harvard University Press, Cambridge.
- Píndaro. 1997b. *Nemean Odes. Ithmian Odes. Fragments*. Harvard University Press, Cambridge.
- Sófocles. 2005. *Édipo em Colono*. Perspectiva, São Paulo.
- Xenofonte. 1918. *Xenophon in Seven Volumes*. Harvard University Press, Cambridge;
- William Heinemann, London, volume 1. INSTRUMENTAL E ESPECÍFICA
- Acropolis Museum. 2018. The frieze. Disponível em: <https://www.theacropolismuseum.gr/en/sculptural-decoration/frieze>. Acesso em: 05/05/2025.
- Andrén, A. 1998. *Between Artifacts and Texts: Historical Archaeology in Global Perspective*. Plenum Press, London.
- Aston, E.; Kerr J. 2018. Battlefield and Racetrack: The Role of Horses in Thessalian Society. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 67: 2-35.
- Bayet, J. 1959. Idéologie et Plastique. In: L'expression des énergies divines dans le monnayage des Grecs. *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire*, 71: 65-106.
- Bérard, C.; Durand, J-L. 1984. Entrer en imagerie. In: Nathan, F. (Ed.) *La Cité des Images: Religion et Société en Grèce Antique*. Editions de la Tour, Paris, 20-34.
- Bruneau, P.H. 1986. De l'image. *Ramage* 4: 249-295.
- Caltabiano, M.C. 1998. Immagini-parola, grammatica e sintassi di un lessico iconografico monetale. In: Arslan, A.E. et al. (Orgs.). *La "parola" delle immagini e delle forme di scrittura: modi e tecniche di comunicazione nel mondo antico*. Dipartimento di Scienze dell' Antichità dell' Università degli Studi di Messina, Messina, 57-74.
- Doyen, C. 2011. *Poséidon souverain, contribution à l'histoire religieuse de la Grèce mycénienne et archaïque*. Académie royale de Belgique, Bruxelles.
- Durrbach, F. 1873. Neptunus. In: Daremberg, C.V. (Ed.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris Hachette, Paris, 59-72.
- Florenzano, M.B.B. 1995. Anotações sobre a representação de monstros nas moedas gregas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 5: 223-234.

- Florenzano, M.B.B. 2005. Coins and Religion: Representations of Demeter and of Kore/Persephone on Sicilian Greek Coins. *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographe* 151: 1-18.
- Francisco, G.S; Sarian, H; Cerqueira, F.V. 2020. Retomando a Arqueologia da Imagem: entre iconografia clássica e cultura material. *Revista Brasileira de História* 40: 141-165.
- Guimarães, V. 2022. *Apenas o deus grego do mar? Religião e política nas representações monetárias de épocas arcaica e clássica*. Relatório final de iniciação científica da FAPESP. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Katsonopoulou, D. 2021. O culto de Poseidon Helikonios: Da Helike da Acaia à Ásia Menor e ao Mar Negro. *História: Questões & Debates* 69:121-135.
- Komita, N. 1985. Poseidon the Horse God and the Early Indo-Europeans. *Research Reports of Ikutoku Technical University*, A-9: 32-39
- Laky, L.A. 2016. *A apropriação e consolidação do culto de Zeus pela cidade grega: moedas e santuários, política e identidade em época arcaica e clássica*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Larson, J. 2007. A Land Full of Gods: Nature Deities in Greek Religion. In: Ogden, D. (Ed.). *A Companion to Greek Religion*. Blackwell, Oxford, 56-70.
- Larson, J. 2009. Ruler of elemental powers: Poseidon. In: *Ancient Greek Cults, a Guide*. Routledge, Nova York, 57-68.
- López, M.R. 2019. Iconography of Poseidon in Greek Coinage. In: Morais, R. et al. (Eds.). *Greek Art in Motion: Studies in honour of Sir John Boardman on the occasion of his 90th birthday*. Archaeopress Archaeology, Oxford, 264-276.
- López, M.R. 2009. Iconografia de Posídon en el arte griego. Disponível em: <https://www.liceus.com/producto/iconografia-posidon-arte-griego/>. Acesso em: 05/05/2025.
- Mack, R. 2019. Numismatic evidence (or not) for the ahippodrama horse race at Larisa. *Koinon: The International Journal of Classical Numismatic Studies* 2: 9-19
- Mili, M. 2015. *Religion and Society in Ancient Thessaly*. Oxford University Press, Oxford.
- Mylonopoulos, I. 2003. *Heiligtümer und Kulte des Poseidon auf der Peloponnes*. Centre International d'Étude de la Religion Grecque Antique, Liège.
- Mylonopoulos, I. 2010. Odysseus with a trident? The use of attributes in ancient greek imagery. In: Mylonopoulos, J. (Ed.). *Divine Images and Human Imaginations in Ancient Greece and Rome*. Brill, Leiden; Boston, 171-203.
- Palmieri, M.G. 2016. *Immagini e parole dipinte sui pinakes corinzi dedicati a Poseidon*. *Scuola Archeologica Italiana di Atene*. TRIPODES 15, Atenas.
- Panchenko, D. 2019. Thena Tritogeneia, Poseidon's trident and early sacred Trinity. The Central and Eastern European Online Library. *ΣΧΟΛΗ: Ancient Philosophy and the Classical Tradition* 2: 451-462
- Polignac, F. 2017. Détroits, isthmus, passages: paysages sous le joug de Poséidon. *Kernos* 30: 67-83.
- Robertson, N. 1985. Poseidon's Festival at the Winter Solstice. *The Classical Quarterly* 34: 1-16
- Simon, E. 1994a. Poseidon. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. VII - 1: Oidipous - Theseus. Artemis & Winkler Verlag, Zúrique, p. 446 - 479
- Simon, E. 1994b. Poseidon. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. VII - 2: Oidipous - Theseus. Artemis & Winkler Verlag, Zúrique, p. 352 - 377
- Spier, J. 1990. Emblems in Archaic Greece. *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 37: 107-130

Apenas o deus grego do mar? A iconografia de Poseidon em moedas gregas das épocas arcaica e clássica (Parte I)  
*R. Museu Arq. Etn.*, 45: 174-196, 2025.

Turak, O. 2018. Boğa ve Trident: Poseidon'un Kökeni  
Üzerine Bir İnceleme. *MASROP E-Dergi* 12: 35-48

Walters, H.B. 1892-1893. Poseidon's Trident. *The  
Journal of Hellenic Studies* 13: 13-20.

Vernant, J.-P. 2018. *As Origens do Pensamento Grego*.  
DIFEL, Rio de Janeiro.

West, M.L. 2022. *Poesia e mito indo-europeus*. Mnêma,  
Araçoiaba da Serra.